

# ARCHIVO LITTERARIO

JORNAL FAMILIAR, VARIADO, CRITICO E RECREATIVO.



## ASSIGNATURAS : CÔRTE.

ANNO . . . . .	8\$000
SEMESTRE . . . . .	4\$500
TRIMESTRE . . . . .	2\$500

## PROPRIETARIOS

ANTONIO ARNALDO NOGUEIRA MOLARINHO  
ANTONIO JOSE CARNEIRO GUIMARÃES

## ASSIGNATURAS : PROVINCIAS.

ANNO . . . . .	9\$000
SEMESTRE . . . . .	5\$000
TRIMESTRE . . . . .	3\$000

Publica-se todos os domingos. Recebem-se assignaturas nesta typographia— Rua dos Latoeiros N. 34—e no escriptorio da Redacção, rua da Lampadaria n. 52. Recibe todo e qualquer artigo litterario para ser publicado, uma vez approvado pela redacção.

## ARCHIVO LITTERARIO.

20 DE SETEMBRO DE 1863.

Conforme a nossa promessa principal, daremos a dar aos nossos assignantes a biographia dos homens mais celebres e illustres nas armas, letras, artes ou industria; sem distincção de nacionalidade, abrangendo todo o globo, quer na historia antiga, quer na moderna.

Reconhecemos a insufficiencia que possuímos para encetar este trabalho: por isso reunimos a perseverança ao estudo, e junto a este a urbanidade de nossos assignantes; esperamos se não dignos de levar ao menos saber bem desta empresa, tornando-nos dignos da comiseracão dos nossos amáveis leitores.

D. Nuno Alvaras Pereira nasceu no

## FOLHETIM

### A NOITE DÁ O CONSELHO.

Traduzido do francez por A. J. P. da Fonseca.

PRIMEIRA PARTE.

Mrs. CLARINETT.

I

Meio morto, senti-me arrastado átravez dos campos durante um quarto de hora.

Julguei que este supplicio não tinha fim... meu nariz ficou incohum, porém ai de mim! minhas attribuições não estavam mais que no principio.

Esta mão, sempre esta mão... ella me segura, o corpo me arrebatava, e me faz percorrer o espaço...

Um s'rito terrivel escapouse de meu peito e

mez de Junho do anno de 1360, num lugar denominado Bom-Jardim: era filho de D. Alvaro, Prior do Crato, e neto do arcebispo D. Gonçalo; sua mãe que tambem pertencia á primeira nobreza do Reino, chamava-se D. Ina Gonçalkes de Carvalhal, e era filha do Sr. de Evora-Monte, ou alcaide-mór d'Almada. O pai de D. Nuno Alvaras Pereira que ella havia cegamente amado; estava ligado pelos votos: ella soube compensar por espaço de quarenta annos em continuas penitencias os erros desse delirante amor, e paixão criminosa, para obter o perdão de Deus, da mesma maneira que já havia inspirado compaixão aos homens. No seu antigo tumulto ainda se achava gravado em vivos caracteres o epitaphio que por suas nobres acções e virtudes lhe foi compensado.

D. Ina soube inspirar a seu filho, parte dessas virtudes, fazendo desenvolver nelle

vai acordar os olhos dos arredores. Depois tornou a cair, dando graças ao destino de ter aliviado meus males em tão privado da vida.

Ea ainda não tinha percorrido metade do caminho que devia andar para chegar á terra, quando de improviso eu me sinto remontar elevado por uma força incognita, tendo desta vez um ponto de apoio, e tão subito coragem.

Applique o ouvido. A rapidez com que sou levado me priva da respiração e produz em meus ouvidos um zumbido insupportavel. Olho... eu vejo uma cabeça de cavallo, um corpo que se prende a esta cabeça, um selim, finalmente todos os pertences de um animal cavallar.

Comhevi que era o Pegaso...

Graças á Providencia!

Qual a sorte que me destinara?

O' Pegaso, meu salvador, abençoado sejas pelo serviço que... Olha! maldito animal... Pegaso de uma sacerdotella me deitou em terra.

Ai! sinto-me ferido nos rins, as costellas ma-

um espirito guerreiro e uma attracção prodigiosa para a rudeza das armas.

Na curta e tenra idade de treze annos, foi armado cavalleiro pela Rainha D. Leonor Telles, singindo a armadura do Mestre d'Aviz para essa cerimonia, por não haver outra que servisse no corpo do joven cavalleiro, que então contava a idade do Mestre d'Aviz. Foi este um presagio santo, que desde logo vagou na mente de todos como um futuro de prosperidade para Portugal; esses dous jovens guerreiros medindo pelo mesmo suas idades, vestindo a mesma armadura, dotados do mesmo valor, e unidos pelos laços de uma amigã fraternidade, a qual o condestavel provou como se viu durante o longo espaço de sua vida.

O joven cavalleiro casou com 17 annos de idade, tomando por esposa a illustre dama D. Leonor d'Alvim, que era sua pa-

chueadas, as pernas quebradas... Poderei dizer que sou um homem?... não, não posso afirmar tal coisa. E' veralude fui um homem... e em vinte e quatro horas meu corpo se tornou desfigurado e repousará em um esquife... Ah! pelo menos que sobre meu tumulto se grave por epitaphio...

— Quem falla em morrer, em tumulto em epitaphio, murmurou uma voz... mas tão branda, tão carinhosa, que não podia ser, senão a da Sua. Caminiche.

— Por minha vida! Senhora, não védes o miseravel estado a que me acho reduzado... ai!... ai!... as costellas, os rins, os... ai eu desmaio, eu morro, morri... ai!

III.

Quando tornei a mim, achei-me deitado n'um rio leito. O quarto era-me totalmente desconhecido. Olhei com admiracão em redor de mim, e de cór eu tinha feito inventario dos moveis... quando exclamei:— Não será isto uma allucina-



rente : sendo preciso a approvação ou dispensa do Papa Gregorio XI para esse projectado enlace.

D. Nuno Alvares Pereira foi o mais firme sustentado de Portugal : na famosa e memoravel batalha de Aljubarrota alcançada contra os Castelhanos, foi incansavel; mostrou um valor e uma coragem digna de um inseparavel companheiro de armas do Mestre d'Aviz ; no fim da qual foi o primeiro que ainda com a espada tinta em sangue e o campo juncado de mortos, á frente do aguerrido exercito portuguez, soltou o grito applaudido unanimemente por todos os valorosos companheiros da victoria aclamando e elegendo Rei o Mestre d'Aviz D. João I.

## LITTERATURA

### Gastão e Isabel.

Em 16... vivia na cidade de Saragoça, capital do Aragão, D. Gusmão de Herrera, homem duro, e de um character violento e arrebatado, porém respeitado por sua grande riqueza. Tinha envidado havia dez annos, e uma filha de dezeseis annos devia ser a sua unica herdeira : D. Isabel, pois assim se chamava esta menina vivia ainda em maior solidão, que as outras jovens da sua idade, porque o jardim, onde só lhe era dado passear todos os

dias, estava cercado de altos muros : as janellas para a rua, além da sua grande altura, tinham grades de ferro por fóra, e zelosas por dentro ; e uma velha dona, e algumas criadas raparigas, educadas com ella, erão a sua unica companhia neste estreito circulo, cujos limites se lhe não permittia transpôr. Com tudo, não era a sua aia que a opprimia, mas sim D. Gusmão, pai duro e imperioso, que não concedia entrada em sua casa senão a um unico homem, o mancebo D. Vicente Guilherme, seu sobrinho, que alli entrava a toda a hora, e era tido como o futuro esposo de D. Isabel. D. Vicente era mancebo, mas de uma figura desagradavel; era valente, mas de um character feroz e arrebatado como seu tio. Isabel não o amava ; era ainda muito joven e sem experiencia, e só via em D. Vicente um primo desagradavel, e não um homem com quem devia passar toda a sua vida. Com tudo por este tempo soube D. Isabel, por uma das suas criadas, que uma companhia de comicos tinha chegado a Saragoça, e que ia dar algumas representações.

— Ah ! disse ella ; que felicidade seria a minha, se eu podesse ir uma noite só ao theatro !

— Nada ha mais facil, lhe disse Lucinda, sua criada grave ; o Sr. D. Gusmão, seu pai, está encerrado com o seu confessor, e não sahirá de casa ; a velha

aia está doente, e por conseguinte nós podemos fazer o que quizermos. O que é preciso é disfarçar-se, para sahir pela porta, e não ser conhecida.

— Dirfarçar-me ! e como ?

— Basta que vista os meus factos. »

(Continua.)

## VARIEDADE

### Sucessos passados.

TOMADA DE CEUTA POR D. JOÃO I.

Amanheceu o dia 21 de Agosto mais claro e formoso ao parecer de todos, e mais quieto do costumado. Metten-se El-Rei em uma festa, vestido com uma cota d'armas ; rosto e cabeça descoberta. Dava sua boa sombra e alegria certos signaes de victoria ; correu á armada, deu suas ordens aos capitães, e advertio cada um do que havia de fazer com palavras que em todos infundião esforço e confiança. Foi o primeiro a saltar em terra e envestir nos mouros que a cobrião, o Infante D. Henrique, e junto com elle o principe D. Duarte seu irmão, que tanto que vio a El-Rei, seu pai, divertido no officio de general, determinou tomar elle o de soldado e para ser dos primeiros passou-se a seu irmão. Fazendo-se ambos companhia com até 150 soldados que pozerão em terra, fizeram tal impressão nos inimigos que

taes mentindo desaforadamente, aquella com quem meu irmão quer que eu me case...

— Quem ? eu mentir-vos ? Enlouquecesteis ?

Não, senhora, não. Estou de posse de todas as minhas faculdades intellectuaes... Digo-vos, senhora, que não se me mente assim á carga cerrada, e que eu sei positivamente Sra. Caminiche, que o meu nariz apresenta um não sei que de ridiculo.

— Não. Estaes enganado, senhor.

— Não... respondi francamente, senhora, vós sois viuva, rica, linda, joven, e que vos achae collocada n'uma brilhante posição na sociedade... Em quanto a mim, sou moço, rico tambem é verdade, em paralelo convosco. Mas... com o nariz que ora apresento, consentireis... (tomae sentido e eu aguardo uma resposta directa e franca) consentireis estando eu com o nariz no estado em que está áceitar-me por vosso esposo ?

(Continua.)

ção ? Não, isto não é spleen ! — dormirei por ventura ? O retracto, que eu vejo acolá... estará ou não. Como é possível tudo isto ?... aquelle retracto é o meu... sim é o meu retracto... por ventura não o reconheço ? !...

Aquella é a minha boca... meu nariz, meu nariz !... minhas idéas se confundem... minha vista está em grão exaltado... tenho deslumbraamentos... enlouqueci, embecile. Aqui d'el-rei !... acudão-me !... acudão-me !...

Que tendes, senhor ? diz a Sra. Caminiche em se precipitando na camara. Em nome de Deus ! que tendes ? que vos aconteceu ?... vós me atterraes...

— Perguntais o que me aconteceu, senhora ? Senhora, tomai uma cadeira, sentai-vos acolá... mas perto de mim. Ainda me perguntais o que me aconteceu ?... Escutai... mas não, não escuteis... olhai para mim... e não ser-me-ha preciso fazer-vos mais explicações...

— Muito bem ! estou-vos olhando. Que é pois :

— Que vêdes ?

— A vós.

— De certo. Mas reconheceis-me ?

— Sim.

— Não ; vós não me conheceis, de véras, que não podereis reconhecer-me...

— Porque razão ?

— Porque razão ? olhae bem para o pequeno espaço que mede entre os meus olhos.

— Estou-vos olhando.

— Que vêdes ?

— O mesmo que via dantes...

— A mim... a mim... mas entre os meus dous olhos por cima da boca, abaixo da minha fronte, no meio do rosto, que notaes ?

— Vosso nariz.

— Meu nariz ! muito bem, sim meu nariz... não apresenta elle alguma cousa de extraordinario. dizei ?

— Não.

— Não. Sois vós quem m'o dizeis ; vós que es-

abrirão longa carreira para os que seguiu.

Foi grande o pezo que sustentarão com os meliores da cidade, mas maior foi o estrago: gente desarmada e atrevida, cortava o ferro por elles de sorte que quasi não havia golpe daquelles braços vigorosos dos infantes e dos que os acompanhavam, tudo gente escolhida, que deixasse corpo com vida.

Entre tanto foi-se enchendo a praia da nossa soldadesca, e havia já nella trezentos homens dos meliores; e os barbaros escarmentados de tão duro acontecimento iam largando o campo, e recolhendo-se para a porta da cidade. Reconhecerão os infantes a desconfiança nos mouros; e fazendo conta que se succedia fazerem-se senhores da porta, ou entrarem de mistura com os que se retiravam, podião n'aquelle dia dar fim a empreza, lançarão mão da occasião que o caso offerecia, apertão as espadas, e appellidando São Georges e Victoria, dão de novo rijamente sobre elles, e fazem-nos apinhar todos sobre as portas. Aqui houve muitos mortos, resistindo alguns mouros com grande valor, e procurando outros serem primeiros a entrar, e salvar-se na cidade, foi grande o aperto, grande a grita, e tal a matança, que era tudo cheio de corpos espedaçados e corrião rios de sangue; e por muito que os defensores trabalhavam, nem poderião cerrar as portas, nem tolher entrarem os nossos de volta com elles.

Neste tempo *Salabemsala*, arrependido tanto de ter despedido os que vinhão socorrer, e desesperado com a primeira nova das portas ganhadas de poder sustentar a cidade contra tamanho poder, tratou de se pôr em salvo com seu thesouro e mulheres; e sem tentar outro genero de resistencia ou defensão, montou a cavallo e desamparou a terra. Não o fazião assim muitos dos moradores antigos, que sem embargo de se verem entrados, animavam-se uns aos outros a morrer pelas casas em que forão nascidos e criados, e tomando forças da desesperação pelejavão como leões. Mas os infantes, vendo-se senhores da porta, e tendo já consigo um corpo de quinhentos homens, e deixado nella bastante guarnição, quizerão proceder com prudencia na entrada da cidade: to-

márão um teso, que acharão entrando, e feitos fortes nelle forão dando lugar a que accudissem mais companheiros; era já com elle o conde de Barcellos, seu irmão e recrecia por momentos a soldadesca. Dividirão-se então e o Principe foi subindo aos lugares mais altos e fazendo-se senhor de todos até chegar ao mais eminente da cidade que chamavão o *Cesto*: o que não foi sem grande trabalho e muito sangue; porque achavão tudo cheio de inimigos, e sobre afadigar de pelejar, ferir, matar, era insuportavel a força do sol e da sede, que uma e outra cousa abrasava os membros abafados com o peso das armas.

LUIS DE SOUSA.

## POESIAS

### Portugal

Continuação do numero 2.

Mentir! esse vate soldado e poeta,  
Que Deus do teu nome fizera propheta,  
Cantando o destino, de Alcacerquebir:  
Recorda teus feitos! não seja acusado!  
Que o peito valente do nobre soldado  
A' queda da patria deixou d'existir.

Os feitos briosos, as glorias passadas,  
Dos bravos guerreiros, proezas ouzadas,  
No mar a esquadra sulcando veloz;  
Quem ha não o tenha já lido na historia  
E não sinto pulsar-lhe sangue, á memoria  
Dos feitos valentes de nossos avós.

Guerreiro! nas veias o teu está gelado,  
Não sentes das armas o aço pezado,  
Os passos gigantes das outras nações?  
Q'outr'ora depunhão-te sceptros aos pés,  
De ti escarnecem agora não vez,  
Cuspindo nas quinas dos nossos pendões?

Levanta guerreiro! gigante de vulto,  
Sacode esse pó, repelle o insulto,  
Retoma teu nome d'outr'ora temido:  
Que á patria de novo resurja uma luz,  
E santas palavras, escriptas na cruz,  
Por Deus: — vencedor e nunca vencido.

Revive soldado nobre,  
Ergue bem alto a cerviz:  
Sacode o pó que te cobre,  
Torna esse sollo feliz,  
Tens filhos patria querida,  
Que por ti darão a vida.

Sô por te vêr reviver.  
Não temem o obstaculo  
Seus peitos em sustentaculo  
Sô por ti querem morrer.

Em cada mente abrasada,  
Ha um nome é—portuguez—  
Em cada braço uma espada,  
Em cada peito um arnez.  
Do passado a lembrança  
Lhe fará brandir a lança  
Com bravôr, sempre e firmeza,  
Que cheguem! Venhão batalhas  
Que elles querem nas muralhas  
Por ti morrer—em defeza.—

Crentes na fé, no valôr,  
O teu nome hão de elevar;  
Do combate o fôrte ardôr,  
Não os fará recuar...  
Levanta velho guerreiro  
E diz ao mundo inteiro.  
—Meu nome não tem rival—  
Que teus filhos bradarão  
Com a espada na mão  
—Rei, Jesus e Portugal—

ARNALDO MOLARINHO.

### O passado e o presente.

Como estaes pallida e triste!  
Bem cruel é tua sorte!  
Em teu rosto só existe  
Essa pallidez de morte!  
Tu que eras tãa gentil,  
Singella flôr da Brasil,  
Filha dos sertões do Norte!

Tu éras candida e pura,  
Qual uma innocente flôr!  
Eis perdida a formosura...  
Desbotada eis tua cor!  
Hoje só te resta o pranto,  
Que te roubou o encanto  
Entre suspiros e dôr!

Pasciencia... Eu tambem sou,  
Como tu, desventurada!  
Tambem o tempo mudou  
A minha infancia adorada!  
Eu tambem sonhei venturas!  
Sonhei amôres e ternuras...  
E hoje vivo amargurada!

Quando pensaste no mundo,  
Neste viver tão cruel?...  
Neste abysmo tão profundo,  
Onde encontraste o fel?!

Tu qu'outr'ora deliravas,  
Quando meiga doudejavas  
Entre as flôres de um vergel?!

Infeliz ! eiste perdida  
Sem uma esperança só !  
Sem que mão compadecida  
Te possa erguer do pó !

Tu não sentes a saudade  
Esmagar-te o coração ?...  
Não sentes a orphandade  
De pai, mãe e irmão ? !

Oh ! eu também em segredo  
Choro o tempo de criança ! !  
Lamento, neste degredo,  
Minha estrella de esperança !

Qual folha secca e perdida,  
Da terra em que fui nascida,  
Cruel sorte me arrancou !  
Sou qual as aguas do rio  
Neste louco desvario  
Em que a sorte me lançou ! !

As turbas paixão fugindo,  
Os dias paixão sorrindo...  
E eu sómente a soffrer !  
O sol nasce radiante !  
Eu o contemplo brilhante  
Sem me poder aquecer ! !

Pobre mulher esquecida,  
Deste mundo aborrecida,  
Sem ter amparo d'alguem ! !  
Só na campa descansada  
Poderei, triste coitada  
Da morte gozar o bem ! !...

JOSEPHINA R. Q. P.

## PALESTRA

Sentemo-nos um pouco, que por demais  
já temos andado sem descansar, Alfredo.

Sou do mesmo pensar, disse Jorge sentando-se.

Aqui tens uma cadeira que te dará entrada na *Sociedade Trinta e um de Outubro*.

Já vejo que nunca te esqueces do teu amigo. Quando levão a recita ?

Dizem que no dia 26 do corrente.

E, que drama levão em scena ? *O. D. Iria ?*

Julgo que foi o que levou a Lusitania, e sinto não ter assistido a essa recita, para a qual também me deste uma cadeira.

Eu lá fui, porém não te encontrei e isso me surpreendeu bastante.

E que tal andáreo os rapazes ?

Soffrivelmente, ao menos na ligeireza nenhum mostrava soffrer dos callos.

Então andáreo como na primeira recita em que leváreo os *Dous Proscriptos*.

Sou franco, emittindo minha opinião

com imparcialidade, direi que a *Sociedade de D. P. Lusitania* andou maravilhosamente. Os papeis forão dignamente distribuidos, e as partes bem desempenhadas. O papel de *Fernão* que segundo ouvi dizer foi feito por um moço que pela segunda vez pizou no palco, nada deixou a dejesar.

O *Conde Men de Sousa*, Alvaro, e o mouro Rax-mamude, em quanto ao desempenho de seus pappeis muito agradarão e se fizerão por mais de uma vez merecedores das ovações com que forão acolhidos da platêa; uma parte deste triumpho também partilhou adama, que se tornou digna e merecedora dos applausos que lhe tributarão. Não é atriz ! porém para uma particular no terceiro acto quando está prestes a ser assassinada por Men de Souza, seu rosto exprimindo o soffrimento, a afflicção e o horror ; foi uma scena que despertou sincera emoção nos espectadores, e que acabou com freneticos e sinceros applausos.

Não conheço nenhum desses jovens estudiosos da arte dramatica, porém limitar-me-hei a dizer continue a *Sociedade Lusitana* como até hoje, e poderá dentre seu seio sahir um artista, que a ovação e o prazer á arte dramatica, possa no fim de alguns annos colher d'entre abrolhos, viciosos louros, e possa dar á sociedade, um nome brilhante, e á historia uma dourada pagina.

Folgo de te ouvir assim fallar, porque é preciso confessar que devião andar soffrivelmente para fallares dessa maneira.

Sou imparcial áquelles forão dignos de elogio ; o mesmo porém não posso dizer da segunda dama que desempenhou o papel de *Thereza*, porque a sociedade não se lembrou de lhe perguntar em que collegio aprendeu aquelle *portuguez*. *O' Seinhoira não heí pacible* ; melhor a mandassem aprender a fallar n'um collegio de instrucção primaria, porque o do *Faial* para aqui não serve.

Olha Jorge conheces aquelle sujeito que vai passando acolá com um negro carregado de cigarros ?

Conheço é um *cigano* um *troca-tintas* chamado *Antonio Maria* do lugar da *Silveira*, esse tranca anda apaixonado por uma *Julia* mas não é *allema*, o outro que

tu conheces está sem o corte de vestido, a calça, a corrente de... e as botinas se as quiz mandou-as buscar no sapateiro e pagar o trabalho de as largar como estava, encommendado para o pé delle. Salta *criança* ! que trate de outro officio que venda mais que os cigarros.

Não sei se já sabes que o *Gusmão* anda dizendo que cahio o jornal *Archivo Literario*, porque elle deixou de escrever para elle.

Oh ! pois não !... o Sr. *Gusmão* tem uma alta intelligencia ! uma materia delle para essa folha dá-lhe muita importancia ! o *innocente* é um *padrão de gloria*, mas affianço-te que taes materias não precisa a redacção, e demais te digo, que quando os assignantes do *Archivo* tiverem pretensão de adormecer, não precisarão de um escripto do Sr. *Gusmão* para lhe servir de anarcotico.

Poetas vejo ás duzias  
Que só corridos a *bolos*  
Que importas barbas buzias  
Se mostrão estro de tolos  
Ha pouco disse Novaes :  
— *A Raça que abunda mais*  
*São poetas e escriptores*. —  
Com isto teve razão  
Pois vejo cá no Brasil,  
Poetas *francas* aos mil,  
Só faltos d'inspiração.

Mudemos de conversa, disse Alfredo, sabes que estou com desejos de ir dar um passeio a cavallo até Botafogo.

E eu que te acompanho, pagando tu, já te vou dizendo.

Aonde haverá aqui uma cocheira perto ?

Do lugar em que estamos, só na rua da Lapa pegado a uma padaria.

Não me recorde de ter visto ali cocheira alguma.

Cocheira ou não : tem lá cavallos, mulas, orsas, conpes, berlindas etc., etc.

Porém toma cautela, ha lá alguns que são bravios, n'outro dia um deu comigo de costas que ainda sinto as dores occasionadas pela queda.

Não importa eu sei domar esses *bichinhos* deixa elles comigo...

## Rio de Janeiro.

Typ. Economica, rua dos Latoeiros n. 31.